

## Ponto de inflexão

Reconhecer visualmente, de imediato, um artista e o seu pensamento plástico, apenas ao olhar as suas obras, não é tão simples quanto parece. Grandes artistas da história da arte costumam ter diversas fases em sua produção, e muitas são bastante distintas entre si, nem todas conhecidas do grande público (embora todas sejam analisadas por especialistas). Aquilo que os consagra é fruto de trabalho árduo e de muita experimentação. Grande parcela dos artistas está em constante evolução, e isso é bom, pois significa que se arriscam. Muitos deles apresentam trabalhos com formas bastante diferentes umas das outras, o que não significa que não haja ali uma busca persistente.

A obra de Katia Politzer está em um momento de transição, e a exposição “arte em andamento – impressões e vidro” é uma boa oportunidade para ver duas fases de sua trajetória.

“Tulupere”, que teve início em 2007, é um conjunto de trabalhos mais cerebral do que os feitos mais recentemente. Os padrões gráficos das populações autóctones brasileiras são, por meio de linguagem simbólica, expressões de suas cosmologias. Katia fez uma releitura artística contemporânea (com muito rigor e apuro técnico) desses desenhos, utilizando suportes, materiais e técnicas distintos dos originais. Fruto de uma extensa e duradoura pesquisa, a artista aplicou seus estudos a respeito dos grafismos indígenas em suas pinturas e em suas esculturas, ambas feitas em vidro.

Já em “As Taças”, Katia deixa fluir seu inconsciente. As obras dessa série pertencem ao mundo dos sonhos, daqueles que tomam forma. O vidro utilizado é carregado de simbolismos, pois ela reaproveita cálices, copos, copas, recipientes com histórias pregressas, uma vez que foram utilizados em sua família ou na de pessoas de suas relações. Em algumas das peças, ela faz uma remodelagem, só que sem controle absoluto, já que leva ao forno uma peça que possuía forma predeterminada, e não tem como saber exatamente o que acontecerá com ela ao ser exposta a altas temperaturas. Em outras, a artista acrescenta elementos que destituem os utensílios de suas funções originais, desestabilizando a percepção do observador e trazendo novas e instigantes possibilidades de significações. Os empilhamentos, por sua vez, podem, eventualmente, evocar cascatas de champanhe, no entanto aqui, as taças não se permitem encher. São esculturas que se assemelham a muitas coisas (figuras humanas, torres, minaretes, peças de xadrez), contudo a profusão de associações a formas identificáveis do cotidiano, sem permitir uma interpretação única, só reforça o universo ao qual as peças pertencem: a arte.

André Sheik, junho de 2016.